



Espírito

Revista Digital de Animação Vocacional

Ano III - Julho de 2020 - Edição 11

Animação Vocacional em tempo de

Pandemia.



Nesta Edição

Editorial..... 3

PALAVRA DA IGREJA

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO
PARA O 24º DIA MUNDIAL DA VIDA
CONSAGRADA..... 4

TEMA VOCACIONAL

A QUESTÃO VOCACIONAL NA ÓTICA DA
COMUNIDADE PRIMITIVA..... 9

Pe. Danilo da Silva Pacheco, SDV

ITINERÁRIO VOCACIONAL II..... 13

Pe. Valnei Pamponet Oliveira, SDV

CELEBRAÇÃO VOCACIONAL..... 21

Ir. Eric Rocha Silva, SDV

TESTEMUNHO VOCACIONAL

MINHA VIDA DE ANIMADOR VOCACIONAL..... 25

Ir. Islam Dávila Menezes Pitanga, SDV

A Revista Espírito Digital é uma publicação da Sociedade Divinas Vocações – Província do Brasil. Rua Esperanto, nº 07, São Caetano . CEP: 40391-232. Salvador-BA.

Equipe de Direção:

Diretor Presidente: Pe. José Carlos Lima SDV.

Diretor Administrativo: Pe. Albino Thiago Santos de Jesus SDV.

Editor Geral: Pe. Valnei Pamponet Oliveira SDV.

Revisor Geral: Pe. Luis Jonas Carneiro de Oliveira SDV.

OBS: Os artigos assinados não representam necessariamente o pensamento da Revista.

Editorial

O tempo presente caracteriza-se pelo medo diante da atual pandemia. Vivemos tempos difíceis, a nível mundial, com constantes notícias de inúmeras mortes. Frente a isso, queremos continuar refletindo e rezando pelas vocações, pois isso implica na continuidade da esperança, representa o olhar para o futuro com otimismo, pois somos animados pela certeza dada pela fé na presença do Deus Misericordioso. Por isso, irmãos e irmãs que nos acompanham neste trabalho vocacional, nos animemos, pois, apesar de tudo, o Senhor está no meio de nós.

Para nos ajudar nesta edição, oferecemos dois textos que nos orientam a ver a vocação como uma grande realidade que vai além do restrito procurar candidatos para seminários e conventos. Olhar a vocação como um chamado divino a existir como pessoa humana, seguindo o Cristo numa vocação específica, dentro de um mundo criado por Deus e atuando por nós. Além destes textos para estudo e reflexão, trazemos também uma mensagem do Papa, dirigida especialmente aos consagrados e consagradas. A celebração vocacional nos ajuda a rezar mais por nossa própria vocação e a de todos mais. Concluímos o conjunto com o testemunho de um animador vocacional, na esperança de nos motivar na nossa ação de agentes vocacionais.

Que a Trindade Santa nos impulse cada vez mais na vivência concreta de nossa vocação pessoal, fazendo-nos assim verdadeiros animadores e animadoras de todas as vocações.

Pe. Valnei Pamponet Oliveira SDV
(editor)

PALAVRA DA IGREJA

Mensagem do Papa Francisco para o 24º Dia Mundial da Vida Consagrada¹

1º de fevereiro de 2020



“Meus olhos viram a Salvação” (Lc 2, 30): são as palavras de Simeão, que o Evangelho apresenta como um homem simples, um homem “justo e piedoso” (2, 25). Mas, dentre todos os homens que estavam no templo naquele dia, só ele viu, em Jesus, o Salvador. Que viu ele? Um menino; um pequenino, frágil e simples menino. Mas n’Ele viu a Salvação, porque o Espírito Santo lhe fez reconhecer, naquele terno recém-nascido, “o Messias do Senhor” (2, 26). Ao tomá-Lo nos braços, percebeu, pela fé, que n’Ele Deus cumpria as suas promessas. E assim ele, Simeão, já podia partir em paz: vira a graça que vale mais do que a vida (cf. *Sal* 63/62, 4), e nada mais esperava.

Também vós, queridos irmãos e irmãs consagrados, sois homens e mulheres simples que vistes o tesouro que vale mais do que todas as riquezas do mundo. Por ele, deixastes coisas preciosas, tais como

¹ http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/consecrated_life/documents/papa-francesco_20200201_omelia-vitaconsacrata.html

bens, criar uma família própria. Por que o fizestes? Porque vos apaixonastes por Jesus, n'Ele vistes tudo e, fascinados pelo seu olhar, deixastes o resto. A vida consagrada é esta *visão*. É ver aquilo que conta na vida. É acolher de braços abertos o dom do Senhor, como fez Simeão. Isto é o que veem os olhos dos consagrados: a graça de Deus derramada nas suas mãos. A pessoa consagrada é alguém que, ao olhar-se cada dia, diz: “Tudo é dom, tudo é graça”. Queridos irmãos e irmãs, não é mérito nosso a vida religiosa, é um dom de amor que recebemos.

Meus olhos viram a Salvação: são as palavras que repetimos cada noite na hora de Completas. Com elas, concluimos a jornada, dizendo: “Senhor, a minha salvação vem de *Vós*; as minhas mãos não estão vazias, mas cheias da vossa graça”. *Saber ver a graça* é o ponto de partida. Olhar para trás, reler a própria história e ver nela o dom fiel de Deus, não apenas nos grandes momentos da vida, mas também nas fragilidades, fraquezas, misérias. O tentador, o diabo insiste precisamente nas nossas misérias, nas nossas mãos vazias: “Passados tantos anos, não melhoraste, não realizaste aquilo que podias, não te deixaram fazer aquilo para que estavas talhado, não foste sempre fiel, não és capaz” e assim por diante. Cada um de nós conhece bem esta história, estas palavras. Vemos que, em parte, isto é verdade e deixamo-nos levar por pensamentos e sentimentos que nos confundem. E corremos o risco de perder a bússola, que é a gratuidade de Deus. Com efeito, Deus ama-nos e sempre Se oferece a nós, mesmo nas nossas misérias. São Jerónimo dera muitas coisas ao Senhor, mas o Senhor pedia-lhe mais... Ele retorquiu: “Senhor, dei-Vos tudo, tudo. Que falta ainda?” – “Os teus pecados, as tuas misérias. Dá-me as tuas misérias”. Quando mantemos o olhar fixo n'Ele, abrimo-nos ao perdão que nos renova e somos confirmados pela sua fidelidade. Hoje podemos interrogar-nos: “Para quem volto o olhar, para o Senhor ou para mim?” Quem sabe ver, antes de tudo, a graça de Deus, descobre o antídoto para o desânimo e o olhar mundano.

Com efeito, sobre a vida religiosa, paira esta tentação: ter um olhar mundano. É o olhar que já não vê a graça de Deus como protagonista da vida e vai à procura de qualquer substituto: um pouco de sucesso, uma consolação afetiva, fazer finalmente aquilo que quero. A vida consagrada, quando deixa de girar em torno da graça de Deus, retrai-se no próprio eu: perde impulso, acomoda-se, paralisa. E sabemos o que acontece depois! Reivindicam-se os espaços próprios e os direitos próprios, deixamo-nos cair em críticas e murmurações, indignamo-nos pela mais pequena coisa que não funcione e entoamos a ladainha da lamentação – as lamúrias; tornamo-nos o “padre lamúrias”, a “irmã lamúrias” – acerca dos irmãos, das irmãs, da comunidade, da Igreja, da sociedade. Já não se vê o Senhor em tudo, mas só o mundo com as suas dinâmicas; e o coração restringe-se. Assim, a pessoa torna-se rotineira e pragmática, enquanto no seu íntimo aumentam a tristeza e o desânimo, que degeneram em resignação. A isto, conduz o olhar mundano. A grande Teresa dizia às suas irmãs: “Ai da irmã que vai repetindo ‘fizeram-me uma injustiça!’”



A fim de ter um olhar justo sobre a vida, peçamos para saber ver, como Simeão, a graça de Deus que veio para nós. O Evangelho repete três vezes que Simeão tinha familiaridade com o Espírito Santo, que estava nele, o inspirava e impelia (cf. 2, 25-27). Tinha familiaridade com o Espírito Santo, com o amor de Deus. A vida consagrada, se permanecer firme no amor do Senhor, vê a beleza. Vê que a pobreza não é um esforço titânico, mas uma liberdade superior, que nos presenteia como verdadeiras riquezas Deus e os outros. Vê que a castidade não é uma esterilidade austera, mas o caminho para amar sem se apoderar. Vê que a obediência não é disciplina, mas a vitória, no estilo de Jesus, sobre a nossa anarquia. A propósito de pobreza e vida comunitária, numa das terras atingidas pelo terremoto na Itália, havia um mosteiro beneditino que foi destruído e outro mosteiro convidou as irmãs a mudarem-se para lá. Mas ficaram lá pouco tempo: não eram felizes, pensavam no lugar que deixaram, no povo da terra. E por fim decidiram voltar e fazer o mosteiro em duas rulotes. Em vez de estar num grande mosteiro, confortáveis, viviam ali como os pintainhos, todas juntas, mas felizes na pobreza. Isto aconteceu no ano passado. Uma coisa linda!

Meus olhos viram a Salvação. Ao ver Jesus pequenino, humilde, que veio para servir e não para ser servido, Simeão define-se a si próprio *servo*. Na realidade afirma: “Agora, Senhor, segundo a tua palavras, deixarás ir em paz o teu *servo*” (2, 29). Quem mantém o olhar fixo em Jesus, aprende a viver para servir. Não espera que os outros comecem, mas vai à procura do próximo, como Simeão que procurava Jesus no templo. E onde se encontra o próximo, na vida consagrada? Esta é a questão: Onde se encontra o próximo? Antes de mais nada, na própria comunidade. Devemos pedir a graça de *saber procurar Jesus nos irmãos e irmãs* que recebemos. É aqui que se começa a praticar a caridade: no lugar onde vives, acolhendo os irmãos e irmãs com as suas pobrezaas, como Simeão acolheu Jesus simples e pobre. Há muitos, hoje, que só veem nos outros obstáculos e complicações. Há necessidade de olhares que procurem o próximo, que aproximem quem está distante. Como homens e mulheres que

vivem para imitar Jesus, os religiosos e as religiosas são chamados a tornar presente no mundo o olhar d'Ele, o olhar da compaixão, o olhar que vai à procura dos distantes, que não condena, mas encoraja, liberta, consola. O olhar de compaixão: aquele refrão do Evangelho que muitas vezes, referindo-se a Jesus, diz “teve compaixão”. É o abaixar-Se de Jesus para cada um de nós.

Meus olhos viram a Salvação. Os olhos de Simeão viram a Salvação, porque A esperavam (cf. 2, 25). Eram olhos que aguardavam, que esperavam. Procuravam a luz, e viram a luz das nações (cf. 2, 32). Eram olhos idosos, mas brilhantes de esperança. O olhar dos consagrados só pode ser um olhar de esperança. *Saber esperar.* Olhando em redor, é fácil perder a esperança: as coisas que estão mal, a diminuição das vocações, etc. Paira ainda a tentação do olhar mundano, que aniquila a esperança. Mas olhemos o Evangelho e vejamos Simeão e Ana: eram idosos, viviam sozinhos e contudo não tinham perdido a esperança, porque estavam em contacto com o Senhor. Ana «não se afastava do templo, participando no culto noite e dia, com jejuns e orações» (2, 37). Aqui está o segredo: não se afastar do Senhor, fonte da esperança. Tornamo-nos cegos, se não fixarmos o olhar no Senhor todos os dias, se não O adorarmos. Adorar o Senhor!

Amados irmãos e irmãs, agradeçamos a Deus pelo dom da vida consagrada e peçamos um olhar novo, que saiba *ver a graça*, que saiba *procurar o próximo*, que saiba *esperar*. Então os nossos olhos também verão a Salvação.



TEMA VOCACIONAL I

A Questão vocacional na ótica da comunidade primitiva

Pe. Danilo da Silva Pacheco, SDV



O texto dos At 2,42-47 nos apresenta o ideal de comunidade cristã: a comunidade primitiva dos cristãos em Jerusalém. A descrição da perícopre em questão acentua especialmente a comunhão dos bens, que corresponde ao sentido do partir do pão (comemoração do Senhor Jesus). Tanto esta comunhão perfeita como os prodígios operados pelos apóstolos serviram de testemunho para os demais habitantes de Jerusalém, testemunho que tinha grande eficiência e eficácia. É um texto que não é apenas um documento histórico sobre os primeiros tempos depois da Páscoa, mas um convite para restabelecermos a pureza cristã das origens. Para ser fiel a Cristo não basta orar e celebrar; é preciso fazer o que Ele fez: repartir a vida com os irmãos.

Esse texto é a grande referência eclesial dos cristãos para todos os tempos e contextos. É o retrato das comunidades primevas, onde a fé dos apóstolos exige que creiamos no testemunho sobre Jesus morto e Ressuscitado, ou seja, que adiramos a mesma fé. E exige também que pratiquemos a vida de comunhão fraterna na comunidade eclesial,

que brotou de sua pregação. A comunidade é apresentada como um lugar onde o desejo de estar juntos, a fraternidade, a oração e o partir o pão, nascem do testemunho concreto de quem foi profundamente afetado pelo Ressuscitado, centro do Kerigma. É justamente o testemunho autêntico, a linha de força do agente de evangelização das primeiras comunidades. As pessoas sentiam-se vocacionadas à vida cristã não por ouvir falar, não por propagandas fantasiosas, mas porque viam nos cristãos uma vida diferente, numa nuance nunca antes manifestada. Pode-se afirmar que a boa nova se dá por uma espécie de “santa inveja”, isto é, a maneira de viver apresentada, o elã de vida, instiga a quem percebe a ser da mesma forma, quer ser igual...



Assim, a questão vocacional não pode se distanciar deste contexto. Esse retrato das comunidades é central para o ponto de partida para se pensar o trabalho vocacional em qualquer tempo e lugar. É verdade que as comunidades, que os serviços e ministérios sofreram uma evolução seja do ponto de vista teológico como canônico. Não

podemos transpor questões vocacionais hodiernas e o que entendemos por SAV atualmente para aquele contexto nascente. No entanto, uma comunidade só será fecunda vocacionalmente, em todas as dimensões e identidades específicas, se tiver como pano de fundo o contexto que vitalizou as comunidades nascentes. Estas beberam diretamente do ensinamento dos apóstolos que testemunharam o evento da Ressurreição e tudo que daí decorreu. A geração pós apostólica, tem como tarefa o retorno às fontes. Esse ofício, emblematicamente fomentado pelo concílio Vaticano II, dá um impulso para uma vivência vocacional autêntica e coerente. Só será verdadeiramente compreendido o SAV quando se acolher a Igreja, comunidade dos crentes, como verdadeiro sacramento do Cristo Ressuscitado.

O texto afirma: “*louvavam a Deus e gozavam da simpatia de todo povo. E o Senhor acrescentava cada dia ao seu número os que seriam salvos*” (At 2,47). Simpatia é o substantivo central para a questão vocacional atual, que podemos extrair do contexto da Igreja primitiva. Simpatia é a tendência, inclinação ou atração que uma coisa ou ideia exerce sobre alguém. A vivência nas comunidades cristãs hoje é capaz de criar simpatia e atração? Para que o SAV seja fecundo, o exemplo dos primeiros cristãos deve ser assumido, exalado por cada um de nós!

O contexto pascal nos inspira a buscar o elã fontal do Ressuscitado para dentro das PVs. Disso emana o compromisso de um SAV profundamente envolvido com a questão vocacional em *lato sensu*, isto é, não apenas preocupado em recrutar vocações para os seminários ou casas de formações, mas refletir e trabalhar a questão do ser cristão, verdadeiro e autêntico. Deste trabalho surgirá sempre uma indagação: Estamos perto ou afastados do Cristo Ressuscitado? Nossa experiência cristã está ancorada no que é fundamental e primordial ou se perde em uma evangelização que relega a experiência com aquele que ressurgiu vitorioso e apresenta penduricalhos que satisfazem uma fé alienada e esquizofrênica? Se nossas comunidades se afastam do ideal primitivo, necessariamente a questão vocacional se relativiza e entra em crise, seja em número e em qualidade.

O leitor da obra lucana, particularmente os Atos dos Apóstolos, é convidado a ser um hermenêuta da história. Isto significa que é chamado a interpretar e atualizar o texto sagrado. Essa é a proposta do hagiógrafo ao apresentar o retrato das primeiras comunidades. Para Lucas, a vida dessa comunidade mostra o ideal da Igreja e o projeto de uma nova sociedade. Essa hermenêutica, o agente da pastoral vocacional é convocado a fazer sempre. Se não tivermos a capacidade de afetar e suscitar nas pessoas o desejo de fazer a experiência com Cristo, estaremos negligenciando o que pretende ser a identidade mais profunda e radical da Igreja: ser sacramento do Filho que comunica o Pai.



TEMA VOCACIONAL II

Itinerário Vocacional II

Pe. Valnei Pamponet Oliveira SDV

No texto anterior, dentro dos limites de nossa pouca capacidade literária, procuramos mostrar, contra a crença no instantâneo ou mágico, como itinerário é algo existencial, ou seja, como o momento presente decorre de passos dados anteriormente. Com isso, queremos deixar claro, não estamos necessariamente nos referindo a evolução, mas apenas a processo. Para demonstrar nossa tese, nos esforçamos por mostrar, em diversos âmbitos, como as coisas do agora são resultantes de uma série de elementos anteriores, mudados passo a passo. De modo especial, focamos este raciocínio no campo vocacional, lembrando como há passos que devem ser dados da descoberta à resposta vocacional. Dando continuidade a esta reflexão, consciente da grande importância de tantas coisas que aí estão implicadas, queremos, neste presente texto, desenvolver um pouco mais esta reflexão no sentido de motivar especialmente a esperança humana na providência divina.



O fundamento de nossa esperança cristã é a Revelação (Dei Verbum 2); assim o cremos. O próprio Deus Trindade se manifesta na história, em palavras e atos, agindo e inspirando seus enviados para nos falar, como um amigo que conversa com seu amigo (Hb 1,1s; Dei Verbum 2). Nesta convicção de fé manifesta-se a certeza que Deus está conosco, Ele está no meio de nós, podemos viver a alegre esperança de que não estamos sós (Mt 28, 20)! Com isso, podemos dizer que há em processo um itinerário histórico e real em vista de um fim maior (Mc 426-29), pois nem tudo afinal está em nossas pobres mãos; o itinerário histórico, seja quanto ao todo ou seja quanto ao particular, não é força cega, perdida ao acaso. Desta certeza da presença divina que nos acompanha, podemos entender que, no campo vocacional, os passos dados por aquele que é chamado são acompanhados por Aquele que chama. Passo a passo, Ele está no meio de nós, é Deus conosco!

Lembrando que o presente discurso é um discurso de fé cristã, dirigido a pessoas de fé cristã, podemos entender que todo o itinerário está baseado na convicção que Deus Trindade é o Deus da presença e participação. Ele é Criador e Mantenedor de tudo que existe (Jo 1, 3), respeitando cada coisa na modalidade do criado; e com isso, podemos entender que este Único Deus acompanha todo o processo histórico passo a passo em vista de um fim almejado. Não o acaso ou o todo entregue em nossas mãos, mas uma história partilhada entre o humano (naquilo que lhe está ao alcance) e o Divino. Nesta história, ao Deus Onipotente nada pode frustrar ou levar a um arrependimento, nem mesmo a cruz de Cristo foi fruto do acaso ou frustração para o Pai que enviou seu próprio Filho na plenitude dos tempos. As virtudes divinas (onipotência, onisciência, sabedoria, amor, misericórdia, etc.) nos assegura que o fim de tudo será feliz, Deus será tudo em todos (1Cor 15,28), mesmo que, na nossa limitação típica de criaturas, não vejamos o todo que apenas Deus vê (Jó 42, 1-3). Deus é Deus e, para quem crê, isso basta!

Entretanto, a confiança cristã depositada no Senhor que fez o céu e a terra não significa uma postura triunfalista, onde há espaço para



indiferença, omissão no processo histórico na criação. Confiar no Senhor não é cruzar os braços pensando de forma determinista, como se as coisas fossem acontecer sem nossa ação. Se Deus pretendesse fazer tudo isso sem nossa participação, Ele não nos teria criado como nos criou, capazes de pensar, escolher e agir. Além do mais, porque haveria de cobrar de nós, como se cobra no Evangelho, a nossa participação se esta não estivesse ao nosso alcance (Mt 25,34-40)? E ainda mais, a Bíblia nos mostra como Deus age na história humana através de pessoas humanas livres e conscientes (Is 6,8). Portanto, caríssimos leitores, se há motivação e cobrança relativa à nossa participação pessoal e comunitária, é porque há possibilidades, não determinismo. Confiar é agir na esperança. A fé na Onipotente Divina não deve ser utilizada como pretexto fatalista, que gera omissão da

ação humana; por exemplo: pedir cura a Deus (especialmente em tempos de pandemia), implica no manter-se afastado das ocasiões de contágio ou tomar as devidas medidas para cura-las (sob orientação médica), e não apenas rezar e silenciosamente esperando tudo acontecer. Como deixamos claro no primeiro artigo, é preciso rejeitar a mentalidade mágica e perceber pessoalmente a existência de um itinerário normal, embora sempre haja a possibilidade de intervenção divina por meios que desconhecemos, milagrosos ou não.

Se conseguirmos entender que o Deus Uno e Trino se faz presente na história, desde a criação, em vista de sua conclusão, gerando em nós a confiança necessária para darmos os passos adequados, então estaremos melhor preparados para entender o que se quer dizer aqui com a expressão **itinerário vocacional**. Porém, acreditamos firmemente que, este entendimento estará comprometido se não deixarmos claro que visão temos em relação ao Deus que nos chama. Nosso discurso vocacional sobre o itinerário de toda a realidade está associado indissolúvelmente à Teologia, ao discurso sobre Deus. Todo o discurso vocacional se fundamenta e se desenvolve a partir da visão que temos do Deus que chama, pois, podemos entender que há alguém chamando, mesmo que ninguém dê ouvidos, mas não podemos entender que alguém ouça o chamado se não houver alguém chamando. Tudo começa com Ele e pretende levar a Ele, Alfa e Ômega. E neste aspecto insisto devido ao clima de relativismo e subjetivismo intelectual tão em moda na nossa época. Num contexto social onde, em muitas ocasiões, praticamente se obriga ao **ter que aceitar a opinião** das pessoas (que é diferente do respeitar a opinião do outro) sem as devidas razões que justifiquem tal opinião, penso que a busca por critérios de razão, o debate amigável e respeitoso, precise reconquistar seu espaço. Não é possível continuar proliferando uma mentalidade onde “o outro disse” seja critério suficiente em si mesmo, dispensando toda forma de apresentar as razões que fundamentem coerentemente o que foi dito. O discurso sobre Deus não pode ser baseado no **eu assim penso** de cada indivíduo, mas é preciso ter razões que superem o achismo e a emoção.




Podemos dizer que, para haver diálogo, conversa entre duas ou mais pessoas sobre algum tema, é preciso haver aceitação de princípios comuns. Aliás, é motivado por esta consciência que, desde o início, afirmamos que nosso texto é um discurso cristão para cristãos. Neste ponto, penso que não seja desconhecido para ninguém, mesmo sem formular explicitamente esta convicção, que numa conversa as palavras usadas precisam ser entendidas no mesmo sentido, isto é, as palavras precisam corresponder às mesmas ideias, ou ao menos a um sentido aproximado, que não se oponham. Se num diálogo, ao ser utilizada a palavra **cama**, por exemplo, as pessoas envolvidas não pensarem no mesmo objeto, independente de características secundárias (tamanho, cor, forma, etc), mas alguém pensar algo completamente diferente, então será impossível dialogar. Do mesmo modo, numa conversa sobre itinerário vocacional, ao utilizar a palavra **Deus** é preciso que as pessoas envolvidas pensem num conceito comum sobre Deus. É claro que uma pessoa pode ter uma visão mais ampla que a outra; é claro que a experiência vivida em relação a Deus seja diversa; é claro que as pessoas envolvidas na conversa usem palavras diferentes para falar



de Deus; entretanto, é necessário que as ideias não sejam opostas. Por exemplo, num diálogo sobre Deus, uma pessoa pode dizer Deus caminha conosco (Ele está no mundo) e outra pessoa pode dizer que Deus está acima de tudo (Ele está no céu); aqui não há verdadeira oposição, mas referência ao mesmo Deus em perspectivas diversas; entretanto, afirmar que Deus é amor mas depois justificar atos de ódio em nome desse mesmo Deus é no mínimo contrassenso, descontinuidade no discurso. Relembrando que aqui se trata de um discurso cristão para cristãos, deixamos claro que nosso ponto de partida está ligado ao Deus Trindade Revelado na história plenamente em Jesus Cristo como crê a Igreja. Não qualquer discurso sobre Deus, embora perspectivas culturais e religiosas diversas enriqueçam o panorama, mas o Deus de Jesus Cristo (Mt 11,27; Jo 14, 8s; Cl 1,15). O nosso discurso sobre Deus nos remete ao Deus bíblico, como ensinado na Igreja em toda sua história assistida pelo Espírito Santo (Dei Verbum 7). O Deus Uno e Trino, criador de tudo e salvador em vista da santificação universal. Nesta pequena fórmula, acredito eu, está incluído muitos conteúdos que não cabe a nós desenvolver aqui, mas suponho conhecido pelo leitor catequisado e cristão ativo na comunidade. Esta pequena fórmula nos conduz à pessoa histórica de Jesus Cristo, Deus encarnado que nos salva e nos revela plenamente



Deus, nos conduzindo à comunhão plena. Portanto é Nele que se baseia todo nosso discurso sobre Deus, e é Nele que se fundamenta nosso discurso sobre a pessoa humana. Apenas Nele, plenamente Deus e plenamente humano. Sendo assim, consciente que de nossa perspectiva humana não podemos dizer muito referente ao andamento das coisas na perspectiva de Deus, renunciamos o racionalismo limitado à perspectiva humana para acolhermos a alegre esperança na perspectiva de Jesus (Dei Verbum 5). É claro que aqui não se trata de uma fé cega, que acolhe qualquer coisa, mas se trata, como já dissemos, da fé anunciada na Revelação realizada em Jesus com todas as suas razões para crer.

Esta fé nos abre os olhos para vermos não um Deus distante lá no céu, mas um Deus conosco presente em tudo que criou. Olhando a criação (seres humanos, vegetais, pedras, aves, estrelas, águas, espaço, tempo, odores, cores, harmonias, sons, etc.) como também a história deste todo, também é possível ver a Deus presente e atuante ainda hoje. Como temos histórias, temperamentos e culturas diferentes, também temos visões diferentes das coisas que olhamos. Cada pessoa, por não ser cega a não ser por omissão própria, é capaz de constatar o agradável e o desagradável, o certo e o errado, o bem e o mal. Sendo assim, para alguns, o mundo parecerá frustração, pois olha a sua volta e constata guerras, pandemia, corrupção, fome e uma lista de acontecimentos que motivam o pessimismo. Estas pessoas, as vezes até cristãos, são como os apóstolos aos pés da cruz de Jesus, como um judeu daquela época olhando Jesus morto e pensando como nele esperava libertação, sofrendo a angústia da decepção, experimentando a frustração por não ver realizada a esperança, pois com a morte de Jesus na cruz tudo acabou, depois da morte nada há a se esperar (Lc 24, 18-24). Entretanto isso não é tudo. Ao olharmos ao redor, também vemos altruísmo, fraternidade, solidariedade, amor, superação, criatividade, esperança e mais uma lista de valores. Ser unilateral olhando apenas um lado da moeda é ser irreal e enganar-se. É certo que nem tudo está bem, mas nem tudo é mal. Não estamos num vale de lágrimas ou muito menos num mar de rosas, mas apenas



o mundo com todas as suas limitações e superações possíveis. Este é o nosso mundo, o mundo do Deus conosco. Ele saiu da cruz, operou a libertação, passou o tempo do desespero, chegou o tempo da realização. Lembrando as maravilhas operadas por Deus na história, especialmente na pessoa de Jesus, renovamos a esperança a partir dos fatos acontecidos no passado distante e próximo a nós, para brotar a fé esperançosa numa ação divina que não se molda a nossa perspectiva, mas sempre acontece ao modo Dele. Se ficarmos chorando como pessimistas aos pés da cruz, não teremos olhos para contemplar o ressuscitado ainda hoje, na ação de pessoas (do passado e do presente) que nunca deixaram de acreditar e por isso agiram e continuam agindo em vista de ressurreição, pessoas dos diversos ou nenhum credo religioso. Se ainda hoje há uma lista de males que nos faz lamentar, também há uma lista de bens que nos dá esperança. Se por um lado, ainda hoje, há males, há também bens, e se há bens e vitória sobre o mal, é porque o Reino de Deus continua entre nós (Mt 12,28).

Concluindo este presente artigo sobre a Teologia em relação ao Itinerário Vocacional, acreditamos que é possível sempre olhar para a frente com certeza de fé no bem maior, pois não estamos sós, Ele está no meio de nós, e este Ele é o Deus de Jesus, o Deus Onipotente que é Amor, Criador-Redentor-Santificador. Se há um itinerário no cosmo, e acreditamos que há, Deus está nele conosco; se há um itinerário na história humana, e acreditamos que há, Deus está nele conosco; se há um itinerário na vida familiar e pessoal, e acreditamos que há, Deus está nele conosco. Portanto, fé é a palavra-chave, esperança é a certeza final, participação é o desafio comum.



CELEBRAÇÃO VOCACIONAL

Ir. Eric Rocha Silva, SDV

Ambiente: *Organizar o espaço do encontro com objetos que representem as três dimensões da vocação (humana, cristã e específica), e fotografias que destaque as mesmas.*

Mantra: *Senhor, chamaste-me, aqui estou! chamaste-me, aqui estou!
Ô, ô, ô! Ô, ô, ô! Chamaste-me, aqui estou!*

Acolhida: *Dar boas-vindas aos participantes.*

Invocação da Santíssima Trindade.

Animador: Antes mesmo da concepção da humanidade, Deus chama, convoca homens e mulheres para realizar uma missão; Ele não cansa de chamar, pois seu convite é por amor e para amar, com total liberdade daqueles que são chamados. Por essa razão, nos reunimos para fazer memória do chamado que o Senhor nos faz, esperando nossa adesão.

Recordação da Vida: *Convidar os participantes a recordar nomes de pessoas que abraçaram uma vocação específica e que se realiza ou se realizou na resposta dada a Deus.*



Hino

Eis-me aqui, Senhor! Pra fazer tua vontade, pra viver do teu amor...

Palavra da vida

Animador: O Senhor usa de várias formas para se comunicar com os seus; é na palavra que encontramos força para continuar correspondendo a vocação na qual fomos chamados.

Canto: *Ai de mim se eu não disser, a verdade que eu ouvi, ai de mim se eu me calar, quando Deus me mandar falar!*

Leitor: Mt 4,18-22

Partilha da Palavra

- Jesus propõem alguma condição ao chamar os primeiros discípulos? Se sim ou não, justifique?
- Qual é a reação dos que são chamados?
- Da mesma forma que Jesus chamou os primeiros a o seguir, também nos chama. Quais são as dificuldades que são postas para com a negação do chamado?

Testemunho vocacional

Sou Sidnilda Cleide, mas conhecida por Deny, moro em um pequeno povoado chamado Vila Guimarães em Riachão do Jacuípe-BA. Desde que nasci, foi nessa Vila que desenvolvi minha vida e minha espiritualidade, descobrindo minha vocação com a ajuda de um amigo a quem chamo de irmão, o Pe. Valério. Em nossas conversas e encontros de grupo de jovens o JUC (Juventude Unida em Cristo) trabalhávamos pautados nessa descoberta. Comecei então um namoro com um rapaz chamado Janilton que também morava no mesmo povoado, namoro que durou nove anos. Foi então, que preparados e com a certeza que Deus nos havia escolhido, decidimos nos unir em matrimônio, escolhemos a capela de Senhora Sant'Ana no nosso povoado, no dia 9 de Janeiro de 2010 para celebramos essa união. Juramos diante de Deus, do Pe. Roberto, familiares, amigos e irmãos de comunidade,

que viveríamos juntos na dor e na alegria até que a morte nos separe.

Dessa união Deus nos concedeu dois lindos filhos; Juan 9 anos e Diego 6 anos que são nossos tesouros e que educamos na fé. Hoje com 10 anos de união, somos muito felizes com essa decisão tomada, de abraçar a vocação matrimonial e mostrarmos aos nossos filhos com testemunho, a beleza que há na vocação por nós abraçada, apontando que os desafios por nós enfrentados servem para a edificação do nosso Sim. *(Diocese de Serrinha – Paróquia Nossa Senhora da Conceição, Riachão do Jacuípe-BA)*

Preces

Animador: Convictos que o Senhor sempre nos chama e ouve a nossa voz ao respondê-lo, apresentemos nossos pedidos. Em cada invocação, cantaremos:

Senhor, tu me olhaste nos olhos, a sorrir, pronunciaste meu nome, lá na praia, eu larguei o meu barco, junto a Ti, buscarei outro mar.

1 – Nós vos louvamos e agradecemos, Senhor, por nos chamar a existência, dom gratuito que nos foi dado por ti e nós respondemos sim. Cantemos.

2 – Senhor da Messe e pastor do rebanho, inflamai o coração dos jovens, para que possam estar atentos ao seu chamado, em abraçar a vida religiosa, o ministério ordenado e a vida laical. Cantemos.

3 – Ensinaí-nos Senhor, a respondermos o chamado à santidade na condição na qual abraçamos nossa vocação. Cantemos.

4 – Espírito que Santifica as Vocações, ajudai-nos a sermos anunciadores e testemunhas Daquele que é o centro de todas as vocações, em todos os lugares que formos. Cantemos.

(Pode haver outras preses espontâneas)

Oração de Conclusão

Pai Nosso, Ave Maria.

Animador: Estivemos reunidos e sempre estaremos, segundo a vontade daquele que nos chamou. Em nome do Pai, Filho e Espírito Santo. Amém.

Canto final: *O Deus criou me quis, me consagrou, para anunciar o seu amor!*



TESTEMUNHO VOCACIONAL

Minha vida de Animador Vocacional



Ir. Islam Dávila Menezes Pitanga SDV

Irei compartilhar com vocês, caros leitores, a minha experiência como animador vocacional que começou quando fui surpreendido com o convite de Pe. Valnei, SDV. Confesso que invadiu meu coração uma sensação de alegria e um pouco de medo. Quando foi me comunicado que irei compor uma equipe do SAV-SDV com irmão Hugo e o Pe. Valnei, eu logo comecei a pensar, porquê a mim? E veio-me em mente o lema que me propus em minha consagração religiosa “É preciso convencer-se do próprio e máximo dever de consagrar a vida às vocações” (beato Justino) e respondi sim, com um grande sorriso no rosto, este sim foi e é de todo o meu ser, porque foi algo que sempre quis desde quando comecei a conhecer meu pai fundador com por meio das irmãs vocacionistas em minha paróquia na ilha de Itaparica. Em meu processo formativo, compreendi que o ardor do apostolado da Santificação universal e das vocações me permitiu de maneira mais radical a lançar-me neste serviço.

Confesso que o primeiro ano foi um pouco mais difícil, porém com constantes reuniões com a equipe, ouvindo os vocacionados, traçamos metas e projeções significativas que acredito que vem dando certo. Aprendi que no processo de acompanhar, após estes serem despertados para algo, nasce um caminho de cultivo que faz uma pergunta, acredito, a todos os animadores: qual caminho se deve trilhar com o vocacionado? Quais métodos são ideais ou eficazes?

Após o processo de escuta personalizada e grupal destes eleitos, é preciso continuar a chamar, ir ao encontro, lançar-se, e ir novamente a favor das Divinas Vocações! Ao bater à porta de cada vocacionado do Senhor, nós, animadores vocacionais, fazemos acompanhamento deles à fé, à vida de cristão, por meio de uma vocação específica, de modo especial à Vida Consagrada e aos Ministérios Ordenados. Isto fazemos educando todas as vocações confiadas a nós por meio das obras do Vocacionário. Portanto, toda comunidade cristã que visitamos ou que desenvolvemos nossos trabalhos, devem ser ajudadas a conhecer as vocações da igreja, para que possa responder ao amor de Deus suscitando as vocações nas paróquias, colégios ou qualquer obra ligada a nós ou não. Para assim estas obras tornarem-se um celeiro de vocações, “diz Pe. Justino: ‘Não se deve pedir e esperar do céu que se apresentem os candidatos, mas se deve imitar Nosso Senhor Jesus Cristo que sai pessoalmente para procurar e chamar os apóstolos’”², faz-se necessário uma catequese vocacional, que por meio dela, prepara cada um para descobrir e viver a sua vocação em uma catequese cotidiana, feita por pessoas apaixonadas por sua vocação que estão dispostas em ajudar aqueles que possuem dúvidas sobre para qual chamado Deus os chama. Estes Vocacionados precisam descobrir o que significa ser Igreja, ajudados por nós vocacionistas, todos os vocacionados aprendem a construir uma intimidade com o Criador da Vida e das Vocações, guiados por Maria e José, ou seja pelos religiosos e religiosas vocacionistas, mas sendo eles os próprios protagonistas de sua história vocacional

² Pe. Nicola Martino SDV. A Pastoral Vocacional Vocacionista. Edições Vocacionista, Vitoria da Conquista, 1986, p. 15.

estes eleitos amadurecidos e sendo ajudados responderá de forma concreta em uma vocação específica no projeto de Deus.



Após um certo tempo, em reunião com a Equipe Vocacional da qual sou membro, lançamos um projeto virtual de bate papo vocacional, que foi estendida a toda a Província Vocacionista do Brasil e a Congregações de diversos carismas. Hoje há participação de pessoas com vários carismas, além dos vocacionados e vocacionadas, de forma interativa, contando com a presença de pessoas dos vários estados brasileiros (BA, RJ, SP, PA) além de pessoas em outros países (Bolívia). Acredito que seja uma primavera experiência desse tipo em nosso meio vocacionista, visto que os vocacionados de diversos lugares podem se conhecer, compreender que além dele, há pessoas que também buscam compreender melhor a sua vocação na Igreja.

A interatividade consiste em temas, músicas, orações e bate papo livre, que nos faz ter uma maior noção da autonomia dos vocacionados a partir dos temas e da compreensão. Quando neste projeto começaram a conectar vocacionados de outras congregações além da nossa, me senti bem, por que nós estamos contribuindo com outras congregações. Mas, tenho consciência, que este projeto precisa ser melhor elaborado e mais apoiado. Entretanto este método nunca substituirá o tradicional que é o presencial.

Eu sou grato a Deus, à Virgem das Divinas Vocações e a Equipe em que faço parte com Pe. Valnei e o Irmão Hugo. Acredito que foi uma maneira extraordinária da congregação confiar em nós um serviço muito nobre. Deixo aqui registrado que sem eles, muitos de nossos projetos, que aqui não menciono, não poderia ser feito, já que todo o projeto precisa ser pensado e analisado, confesso que sempre busco ideias para ajudar a contribuir com o que temos, e as vezes eu sou meio afoito. Neste período que estou a serviço do SAV-SDV digo, que a palavra chave é a gratidão. Obrigado a vocês por estar sempre unidos, seja na oração seja nos encontros planejados por nós para a formação, estruturação e reestruturação das EVPs, (Equipes Vocacionais Paróquias), encontros diocesanos, feiras vocacionais, parcerias com Congregações, dentre outros.



